

Planos de manejo de UCs III: hora de virar o jogo

Categories : [Colunistas Convidados](#)

Eu não tinha intenção e menos ainda previsão de escrever o que seria a terceira parte do artigo já publicado em duas etapas, afinal, para mim ele estava encerrado na [segunda parte](#). Por isso, também, não me é nada fácil escrevê-lo. Mas o faço numa combinação de prazer e obrigação. Mais prazer, é verdade, dado que considero muito salutar o debate despertado com o que foi publicado. Por sinal, debate que, de certa forma, tem continuidade naquele que se segue [à matéria](#) sobre a exoneração de Pedro Menezes da diretoria do ICMBio. Mas também por certa obrigação dado que fui instado ou solicitado a fazê-lo, tanto por leitores como pelos editores do site. Assim sendo, segue a não planejada parte 3, ou epílogo.

Início por me desculpar com aqueles que acharam que discorri mais sobre meu currículo sem ir de fato à questão de fundo que propus – os planos de manejo e o manejo das unidades de conservação. Não foi e nunca seria minha intenção fazer isso, embora haja um fato concreto a ser considerado: dentre muitos, eu fui um dos agentes da história recente das unidades de conservação deste país, para o bem (eu creio) ou para o mal (como alguns detratores acham e preferem divulgar). No artigo narrei honestamente a minha versão dos fatos, inclusive assumindo certa culpa quanto à importância burocrática dada aos planos de manejo no nosso país. Pode haver outras versões, é certo que elas existam, mas elas, no máximo, serão muito pouco diferentes da minha. Assim, que se esclareça que a narrativa apresentada teve como objetivo maior resgatar informações do passado para facilitar o entendimento do presente e ajudar a construir o futuro (melhor que este presente).

Apropriação necessária